

Ao mestre, com carinho

» RUY MARTINS ALTENFELDER SILVA

Advogado, presidente emérito do Centro de Integração Empresa-Escola (Ciee) e presidente da Academia Paulista de Letras Jurídicas (APLJ)

A Constituição brasileira de 1988, no que se refere à educação, estabelece no artigo 205 que a educação é direito de todos e dever do Estado e da família, e será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Estabelece que o ensino será ministrado com base nos princípios constantes do artigo 206.

Em seu artigo 207, a Constituição estabelece a autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, obedecendo ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante garantias referidas no artigo 208, incisos I ao VII. O ensino é livre à iniciativa privada atendidas as condições estabelecidas no artigo 209, incisos I e II.

A União, os estados e os municípios organizarão, em regime de colaboração, seus sistemas de ensino, cabendo à União organizar e financiar o sistema federal de ensino e o dos territórios, e prestará assistência técnica e financeira aos estados, ao Distrito Federal e aos municípios para o desenvolvimento de seus sistemas de ensino e o atendimento prioritário à escolaridade gratuita. Os municípios atuarão, prioritariamente, no ensino fundamental e pré-escolar.

Todo esse mecanismo constitucional depende da figura do professor para a sua plena aplicação. A professora Maria Luiza Marcílio, em seu excelente livro *História da escola em São Paulo e no Brasil*, menciona que a educação é o meio essencial para alcançar uma sociedade menos injusta e mais igual, como a que todos queremos e com o que sonhamos. Foi somente pela universalização da escolarização que os países mais ricos conseguiram seu desenvolvimento; não há outro caminho.

Ela defende a tese de que nossa educação sofre de quatro séculos de abandono e a principal razão do nosso atraso hoje é o começo tardio do esforço sério de desenvolver a nossa educação. As ações educativas apenas começam a tomar mais consistência nos meados do século 20.

Como mostram os indicadores, a qualidade vem subindo a passos de tartaruga até por consequência de outra falha: a resistência à adoção de sistemas de avaliação de desempenho de gestores, professores e alunos. Sem instrumentos eficazes de fiscalização da aplicação dos recursos, o ensino público continuará a ser a prova viva de que nem sempre o que falta é dinheiro para corrigir as distorções e melhorar o desempenho do mestre e do aluno. Mais do que a recorrente reivindicação por mais dinheiro



dos cofres públicos, a qualidade da educação depende, principalmente, de ética no trato da coisa pública, de competência na gestão e do olhar vigilante da sociedade.

O 15 de outubro é dedicado aos professores. O Centro de Integração Empresa-Escola (Ciee) e o jornal O Estado de São Paulo os homenagearam em solenidade que se realiza ininterruptamente desde 1997. São os professores eméritos que, escolhidos pela direção do Estadão e do Ciee, recebem o Troféu Guerreiro da Educação Ruy Mesquita.

Em 1997, o primeiro troféu foi concedido à saudosa professora Ruth Cardoso, e a partir desse ano foram premiados grandes mestres, entre eles, Miguel Reale, Esther de Figueiredo

Ferraz, Ives Gandra da Silva Martins, Adib Jatene, José Cretella Jr, Angelita Gama, Delfim Netto, Celso Lafer, Rubens Ricupero, Fernando Henrique Cardoso, Paulo Nathanael Pereira de Souza.

Neste ano, a escolhida foi a professora Ivete Senise Ferreira, que foi a primeira diretora da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e ministrou aulas a milhares de alunos, além de participar de relevantes instituições como a Ordem dos Advogados, Conselhos Superiores da Fies/Ciesp, Academia Paulista de Letras Jurídicas. Justa homenagem que o Estadão e o Ciee prestam aos nossos mestres, no Dia do Professor, que não poderia passar despercebido.

Ao mestre, com carinho.

O conflito silencioso entre gerações: causas e consequências

» FERNANDO SALDANHA

Ph.D. em economia pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT)

Onto dia assisti a um vídeo no qual Jordan Peterson (professor de psicologia na Universidade de Toronto e autor de vários livros populares) reclama que a sociedade favorece demais os jovens. Sou fã do Jordan Peterson, mas acho que ele está errado na avaliação. No Ocidente (que inclui os países avançados e a América Latina), riqueza tem sido sistematicamente transferida dos jovens, das crianças, e dos que ainda nem nasceram (sim, isso pode ser feito, como vai ficar claro abaixo) para os adultos, em particular os idosos.

A transferência de riqueza entre gerações se manifesta como excesso de consumo e insuficiência de poupança, a qual pode ser vista de duas formas. Do lado financeiro, a transferência surge como enormes déficits, tanto nas contas do governo, como na conta corrente, que se refletem em explosão do estoque da dívida pública e da dívida externa (no sentido lato, que inclui o investimento estrangeiro no país). O déficit público é a despoupança do governo e o déficit em conta corrente é a contribuição da poupança do resto do mundo.

Nosso investimento, que é pífio, está sendo financiado pelas gerações futuras e por investidores estrangeiros, que no futuro vão receber juros, dividendos e outros fluxos de caixa provenientes do Brasil. De um jeito ou do outro, as gerações futuras vão ter que pagar a conta. A dimensão financeira é a parte mais visível da transferência intergeracional de riqueza, mas mesmo boa parte da população "educada" tem pouca consciência da magnitude do problema.

Do lado real, que é o que realmente importa, a transferência de riqueza entre gerações se manifesta de várias maneiras. Algumas das principais são: a) insuficiente investimento em infraestrutura, b) preferência dos

estudantes por disciplinas menos exigentes em detrimento das ciências, c) ensino público de má qualidade, com favorecimento de professores relapsos e incompetentes e gasto de tempo precioso com doutrinação ideológica, d) deterioração acelerada do meio ambiente, e) no esforço para preservar o meio ambiente com prioridade para causas politicamente corretas, como o aquecimento global, em detrimento de problemas mais sérios como a extinção de espécies (incluindo insetos) e a escassez de água, f) indulgência em comportamento destrutivo, como protestos violentos.

Vale observar que as duas últimas constituem uma forma peculiar de consumo: bens consumidos são a chamada sinalização de virtude e, paradoxalmente, o sentimento de ser uma pessoa "boa". É óbvio o que está por trás dessa imensa transferência de riqueza entre gerações: crianças, obviamente incluindo as não nascidas, não votam. É uma decisão correta impedi-las de votar. A ciência diz que o cérebro humano não completa sua formação antes dos 18 anos. Mas como toda política pública, ela tem consequências inesperadas, e uma delas é a transferência de riqueza dos mais jovens para os mais velhos. Não é por acaso que só existe um assunto sobre o qual os atuais extremos do espectro político brasileiro concordam: a violação do teto de gastos.

Justifica-se a ocorrência das transferências intergeracionais com base na premissa que gerações futuras vão ser mais ricas do que a geração presente. No entanto, o PIB per capita brasileiro se encontra praticamente estagnado, tendo crescido apenas cerca de 30% desde 1980. O Brasil nem sequer conseguiu refletir os enormes avanços tecnológicos obtidos no período. E mesmo esse desempenho medíocre do PIB só foi obtido com considerável deterioração do meio ambiente.

Para comparar, a renda per capita da China cresceu 4.000% no período. Temos razão para acreditar que as próximas décadas serão melhores? Durante parte desse período o Brasil se beneficiou do bônus demográfico: relativamente poucas crianças e poucos idosos. Cada trabalhador tinha que sustentar pouca gente. Na ausência do bônus demográfico e com menos espaço para expandir a fronteira agrícola, as perspectivas para a economia brasileira não são boas. É perfeitamente possível que a renda per capita brasileira seja menor daqui a 30 anos do que é hoje. A transferência de renda dos jovens para os adultos que persiste há décadas é injustificável.

Muitas políticas que redistribuem riqueza dos jovens para os mais velhos são apresentadas ao público como progressistas e "redistribuição de renda". A oposição à Reforma da Previdência e à impossibilidade de demitir professores incompetentes ou relapsos e de premiar os mais produtivos são exemplos particularmente claros: idosos ou professores relapsos ou incompetentes são os beneficiários, as crianças e os jovens são os perdedores, seja por arcarem com mais impostos no futuro ou por receberem educação de baixa qualidade. De fato existe redistribuição de renda (ou melhor, de riqueza), mas na direção errada. Se é verdade que alguns idosos precisam de mais apoio, a grande maioria dos aposentados é desproporcionalmente beneficiada, não tanto pela magnitude de sua renda, mas pelo período demasiado longo em que a recebem por se aposentar muito cedo. Sem falar dos que se aposentam sem jamais contribuir um centavo.

Conclusão: a transferência de renda dos jovens para os adultos que persiste há décadas é injustificável, mas deve persistir por longo tempo, com consequências muito negativas para as gerações futuras.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Chibata já

Ninguém pode ignorar que, ao longo desses 2000 anos da história do cristianismo, fé e política permaneceram praticamente irmanadas. Cristãos, fiéis aos ensinamentos contidos nos livros sagrados da *Bíblia* e, principalmente, atentos ao que dizia o Cristo, sempre foram exortados a participarem das atividades sociais, interferindo não só nas organizações populares, como amparando os mais necessitados da comunidade, de acordo com os preceitos da caridade e do amor ao próximo.

De certo que, ao longo dessa extensa estrada de tempo, muitos conflitos surgiram de parte a parte, gerando consequências que conhecemos bem. Muitos líderes da Igreja, à semelhança do próprio Cristo, estiveram empenhados nas lutas contra as injustiças e contra a exploração dos mais poderosos. Muitos, por essa ousadia, pagaram com a própria vida. Outros viraram mártires por pregações contra o sistema, tanto no passado quanto na atualidade.

A política, com "P" maiúsculo, aliada à verdadeira fé, tem produzido bons frutos. Esse fato é reconhecido como de grande importância para o pleno desenvolvimento humano. O reino de Deus na terra é feito de fé e de ação política. A salvação pelas obras, quando o cristão entrega sua força e vida em prol dos necessitados, é um exemplo de ação política movida pela fé, é a chamada fé na política.

O atual papa Francisco, chefe da igreja, reconhece e incentiva essas ações concretas em favor dos irmãos. Noutras igrejas, de credo cristão, os ensinamentos vão na mesma direção. Ninguém deve ficar alheio ao que ocorre em volta. Esse é o ensinamento maior. Mas tudo isso, fica no terreno das boas ideias quando a mistura entre Fé e Política passa a ser feita em proveito apenas das ideologias político partidárias, servindo a grupos que usam a Fé para propósitos nada cristãos.

É quando a fé passa a se constituir numa espécie de política da fé, com a utilização dos cristãos como massa de manobra. É quando também a política rompe e destrói as pontes entre o céu e a terra. No Brasil, mesmo com raras exceções, a aliança entre a fé dos cristãos e a política partidária tem sido feita em favor de políticos aproveitadores e oportunistas. Isso não quer dizer que também não existam falsos clérigos que insistem em misturar as homilias com pregações de cunho político, na tentativa de levar seu rebanho de fiéis para os currais eleitorais que defendem.

A utilização e o assédio das diversas igrejas cristãs feitas pelos candidatos durante a campanha eleitoral desse ano, de tão descarada e despropositada, passou a ser reconhecida pela maioria dos fiéis como caricatas e sem crédito.

Os candidatos a tudo, surgem do nada, invadem as igrejas com seus séquitos, acompanham todo o ritual com mimetismos cômicos, fazem cara e bocas de devotos, olham de esguelha para os lados em busca de aprovações, lançam suas redes e saem dali como entraram: vazios de Fé e cheios de confiança de haver pescado mais alguns incautos.

A política, com "p" minúsculo e a fé com "f" de falsidade, dão-se bem por que almejam apenas vantagens materiais imediatas. Falsos pastores se aliam a políticos adlbrões, afinal estão todos irmanados no propósito de rebaixar a Fé e a Política, fazendo-as feramentas para seus desígnios.

Muitas igrejas, contudo, têm sido arrastadas por esse vendaval, transformando púlpitos em palanques e homens de batina e terno em vendedores de ilusões. Há nessa polarização política, pouca razão e muita ambição. Aqueles que antes diziam que pelas eleições fariam pacto até com o diabo, hoje fazem cara de beatos. Terminadas as eleições, nos próximos quatro anos os candidatos que hoje desfilam nos templos de todo o país, irão sumir das igrejas como fumaça, mas deixarão atrás de si aquele cheiro desagradável de enxofre no ar.

Quanta falta daqueles dias em que o próprio Cristo, usava da chibata para expulsar os vendilhões do templo.

» A frase que foi pronunciada

“O meu reino não é desse mundo.”

Jesus Cristo

Intolerância

» Merece um registro a postagem da aluna de 20 anos, Julia de Castro, estudante de história na UniRio sobre a falta de democracia nas instituições de curso superior. Julia resume a situação em que passa, semelhante a inúmeros alunos em várias universidades que não são um universo de ideias como deveriam ser. O vídeo está postado no *Blog do Ari Cunha*.

Impacto

» Duas mulheres, uma, em Samambaia, e outra, no Itapuã, caíram da maca de depilação. Uma delas teve um impacto no pescoço e não estava sentindo os membros. A ocorrência chamou a atenção pela coincidência por ter sido no mesmo dia.

» História de Brasília

O Conselho da Novacap na última reunião autorizou a doação de terrenos ao Minas Brasília Tênis Clube, Fluminense Football Club, Associação de Cultura Franco-Brasileira, Associação Recreativa e Cultura dos Trabalhadores de Brasília, Clube de Regatas Guarã, Congregação das Filhas do Amor Divino, Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil e Grande Oriente do Brasil.

(Publicada em 11/3/1962)